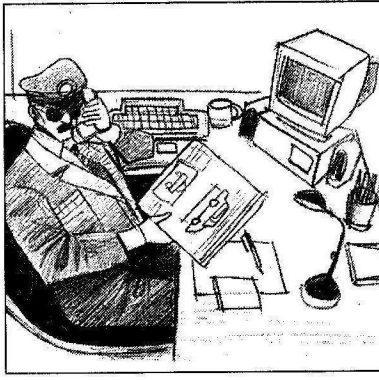




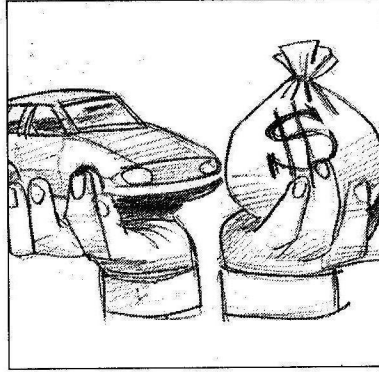
O capitão Cleodir comprava, diretamente ou por intermédio de sua esposa ou de "laranjas", carros destruídos.



Mancomunado com seguradoras, ele registrava o carro, geralmente estrangeiro, como recuperado, fazendo seguros de alto valor.



Aproveitando-se da condição de oficial, conseguia boletins de ocorrências (BO) indicando que os carros tinham sido roubados.



Recebia, então, quantia equivalente ao valor segurado.



Uma das ocorrências diz que um dos carros, parado, foi abalroado por outro, que estava estacionado, perdeu o freio e saiu correndo, sozinho pela rua.

PM comandava roubo de carros

Capitão receptava e desmanchava os veículos. Depois de "recuperá-los", ele registrava o roubo e dava golpe no seguro

Jayne Brener
Da equipe do Correio

São Paulo — A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Assembleia Legislativa que investiga o crime organizado na capital paulista está desmantelando uma das maiores quadrilhas de ladrões de carros já descobertas no estado, chefiada por um oficial da Polícia Militar. O capitão PM Cleodir Fioravante Nardo, líder do grupo, foi detido ontem ao final de seu depoimento, por mentir à CPI.

O oficial, que recebe soldo de R\$ 3.700, não conseguiu provar a origem dos R\$ 146 mil mensais que movimentou, em média, em suas contas bancárias em 1996. "Sempre trabalhei muito, dando aulas e fazendo negócios nas horas de folga", tentou justificar o capitão. "O dinheiro veio da receptação e desmanche de carros roubados e de golpes aplicados em empresas de seguros", diz o relator da CPI, deputado Elói Pietá (PT).

A jogada de maior sucesso começava com a compra, por uma ninharia, de carros trombados. Quase sempre estrangeiros. Funcionários de grandes seguradoras, entre elas a Banespa, que faziam parte do esquema, aceitavam a versão do capitão de que os carros haviam sido reformados. E carimbavam gordas apólices de seguros. O passo seguinte era registrar o roubo dos carrões, valendo-se de uma ampla rede de comparsas nas polícias Civil e Militar. O capitão re-

cebia então o seguro.

Só nos últimos meses Fioravante e a mulher dele registraram 12 carros importados no Detran. Onze foram roubados, nenhum recuperado. Todos, é claro, tinham seguros generosos.

PÉROLAS

Alguns boletins de ocorrência que o policial forjou são verdadeiras pérolas. Um Toyota Corolla, por exemplo, que estava estacionado, teria sido destruído por outro carro parado.

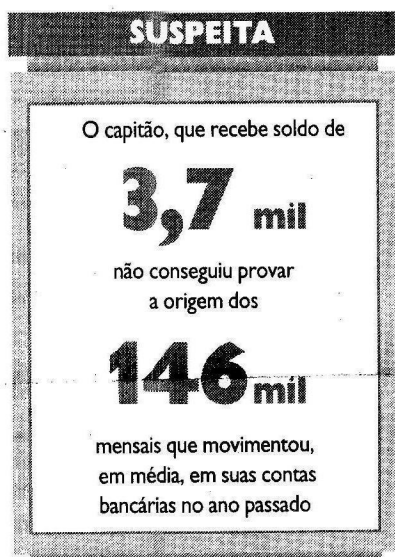
Que perdeu os freios e cruzou sozinho a avenida. O acidente, na verdade, nunca aconteceu.

A quadrilha também atuava no roubo de cargas e no desmanche de caminhões. A CPI apurou que Fioravante mantinha um desmanche em Guarulhos, na Grande São Paulo, para onde eram conduzidos caminhões roubados

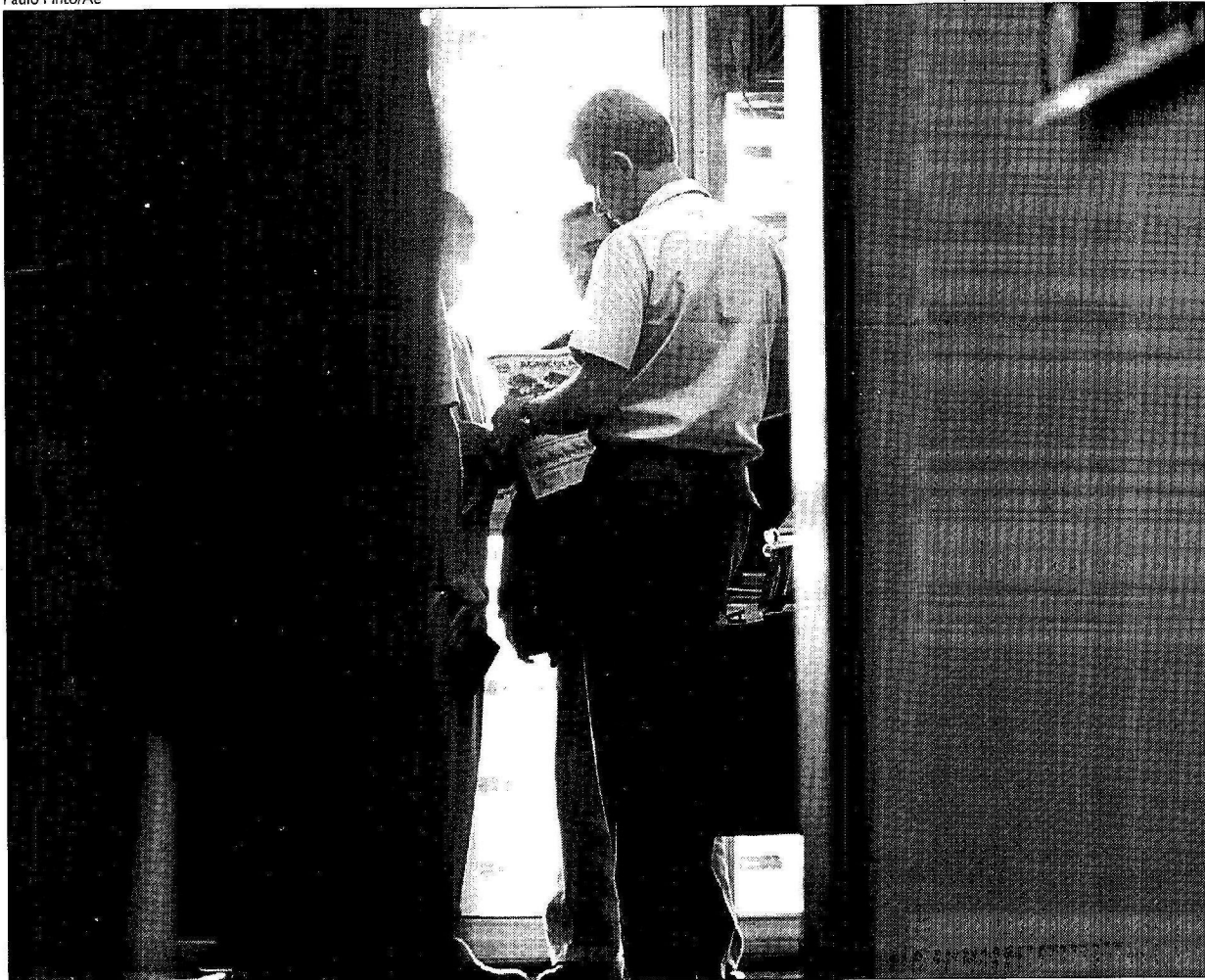
na Via Dutra. Em outubro, PMs descobriram um desses caminhões na oficina. O capitão então apareceu, sugerindo aos colegas que levassem o veículo para fora do desmanche, de forma a caracterizar o abandono.

Os PMs não toparam o acerto e levaram o caso até a Polícia Civil. Curiosamente, o boletim de ocorrência do caso terminou indicando que o caminhão estava "abandonado" na avenida.

Uma denúncia anônima alertou a CPI. Agora, o processo está nas mãos do Ministério Público e da Corregedoria da PM, que deverão determinar as ramificações da quadrilha e a extensão dos prejuízos.



Paulo Pinto/Ae



O capitão Fioravante (de costas) foi denunciado por colegas da corporação que não aceitaram participar das fraudes

Rei Midas virou o chefe da frota

"Eu sou uma espécie de rei Midas. Tudo o que toco vira ouro", costumava dizer o capitão Fioravante. Além da prosperidade, o oficial também é rico em amizades influentes. Só assim se explica como ele, que enfrenta um processo por receptação de carro roubado e outro por apropriação de uma carreta da Telesp — tenha chegado à chefia da frota de veículos da 1ª Companhia do 2º Batalhão de Choque da Polícia Militar paulistana.

Sob o comando dele, o pátio do batalhão foi usado várias vezes como estacionamento de carros roubados. Da sala do capitão saíram, durante anos, memorandos em papel timbrado pedindo que o Detran emitisse

novas placas para veículos batidos. Essas placas ajudavam a esquentar os documentos de carros roubados. Os amigos do capitão o auxiliaram inclusive a lavar, no mesmo dia, boletins de ocorrência relativos aos roubos de dois de seus carros.

Talvez o combustível dessas amizades sejam as cifras escritas nos livros da Scan-Dutra, o desmanche de Fioravante. Lá aparece, por exemplo, na coluna de saída, entre os dias 8 e 22 de outubro de 1996: "30 mil reais para a polícia".

Fioravante enfrentou, na CPI, a fúria de quatro deputados escolhidos a dedo pela bancada do PPB. O deputado Conte Lopes foi capitão da Ro-

ta, a tropa de choque da PM, e tem mais de cem mortes em sua folha corrida. Ubirajara Mendes foi um dos comandantes da ação da PM que resultou na morte de 111 detentos no presídio do Carandiru, em 1992. Erasmo Dias, coronel da reserva, ficou famoso pela dureza no combate às passeatas estudantis nos anos 70. E o presidente da CPI, Afanásio Jazadzi, é um radialista especializado em crimes.

"Você é um ladrão que desonra essa farda", bradava Conte Lopes à saída de Fioravante/Midas. "Vou embora porque não tenho estômago nem fígado para essa nojeira", emendava Erasmo Dias. (J.B.)